

A cara não engana

José Monteiro

Assim que o vi, soube que escondia um passado difícil.

Talvez uma subtil tristeza no olhar o denunciasse.

Era um homem alto e magro, um pouco curvado ao andar. Os óculos disfarçavam a curvatura do nariz e assistiam os olhos míopes e castanhos, sumidos nas lentes grossas. Os cabelos brancos, em debandada, aumentavam a superfície da testa. No queixo desenhava-se uma cova discreta.

Conheci-o, há uma década, talvez. Sentava-se quase sempre nas últimas cadeiras da sala e manifestava o seu interesse pelo desenrolar das atividades quase só com expressões faciais. Raramente intervinha oralmente e quando o fazia, exprimia-se com certa dificuldade.

Um dia, ao distribuir algumas folhas de apoio à matéria em discussão, reparei na quantidade de cicatrizes do rosto, pois tirara os óculos para os limpar. Eram várias na testa, uma entre os olhos, mesmo ao cimo cânula do nariz, outra junto ao olho direito e uma na face esquerda. Por momentos, suspendi as folhas na sua frente até que, surpreendido, alçou a mão para as receber, pronunciando um “desculpe, obrigado”, seguido por um sorriso quase nervoso.

Tempos depois, após o almoço de uma visita de estudo, fiquei a saber o porquê das cicatrizes.

Tinham sido colecionadas quase todas antes dos cinco anos, durante as brincadeiras nas ruas da cidade natal. Uma na boca de incêndio do final da rua, a culminar uma corrida em que a cabeça bateu as pernas em velocidade; outra no lancil do passeio que, em conluio com as pernas, aceitaram mal o exigente desenho do jogo de pés, alternando ora em cima, ora em baixo. Porém, a maioria foram obtidas de uma só vez.

A rambla era o lugar ideal para uma tarde de brincadeira, quando nas barras de ferro não estavam estendidas as peças de tecido a secar. Só que, o muito brincar cansa e faz sede. Como era agradável refrescar a boca na torneira que servia o tanque, logo à entrada, junto ao portão! Invejável era a habilidade dos mais crescidos em abrirem a torneira e, num gesto medido, receberem a água na boca levantada. Era preciso imitá-los. Mas, correu muito mal a primeira tentativa do aprendiz de bebedor

de torneiras. De mergulho, bateu com a testa na infinidade de cacos e garrafas de vidro partidas no fundo do tanque. Ao levantar-se, a água corrente caiu-lhe sobre a cabeça e viu passar-lhe pelos olhos uma cortina avermelhada. Foi a peixeira quem, ouvindo os pedidos de socorro dos companheiros aflitos, desceu ao tanque e o retirou. Da manobra ficaram-lhe na memória as coxas grossas e muito brancas da sua salvadora. A vozeria da rapaziada antecedeu-o na chegada a casa, ao colo abundante da prestável senhora. Com ela repartiu as manchas de sangue que continuava a jorrar, cegando-lhe o olho direito. De toalha pela cabeça, seguiu para o hospital num táxi, ao colo do pai vestido de fato-macaco, pronto que estava para iniciar o seu turno na fábrica. Do hospital reteve o foco luminoso sobre a cabeça, enquanto os médicos retiravam, da testa e da face, uma infinidade de pedacinhos de vidro, areias e o que estivesse a mais, durante duas horas.

Nos anos seguintes, fora ele próprio a retirar as pedrinhas avulsas que continuavam a vir à flor da pele. Fantasiando, esperava que uma delas fosse preciosa.

Assim, dizia de modo enigmático, a infância tinha-lhe desenhado no rosto o mapa do seu destino: continuou a estatelar-se nas vicissitudes da vida e a acalentar a esperança de que uma das pedrinhas que lhe emanam da cabeça, de modo irregular, possa ser especial.

Na verdade, sempre me pareceu ter cara de acalentador de esperanças.